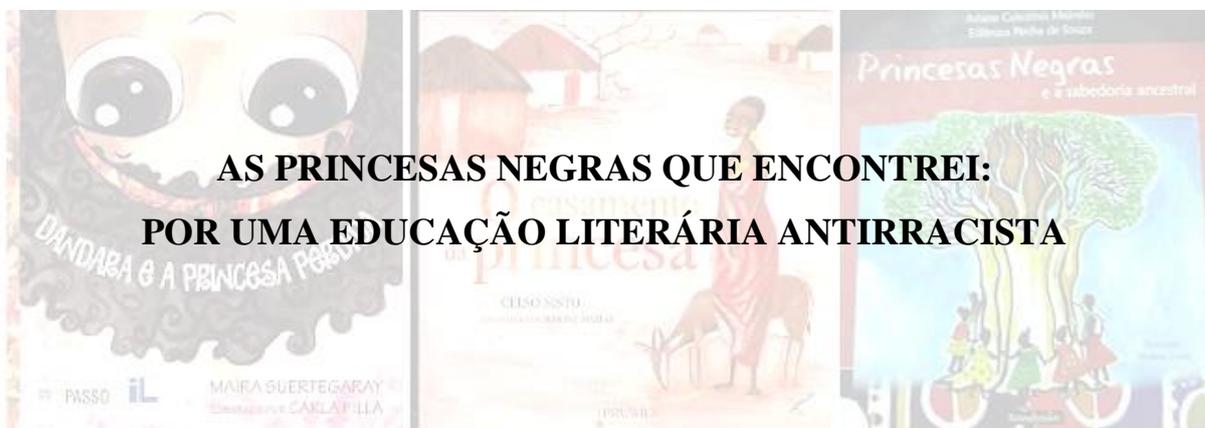




UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ADRIANE CRISTINA CANTÃO VIEIRA



**AS PRINCESAS NEGRAS QUE ENCONTREI:
POR UMA EDUCAÇÃO LITERÁRIA ANTIRRACISTA**

Florianópolis

2016

Adriane Cristina Cantão Vieira

**AS PRINCESAS NEGRAS QUE ENCONTREI:
POR UMA EDUCAÇÃO LITERÁRIA ANTIRRACISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Santana Dias Debus

Florianópolis

2016

Adriane Cristina Cantão Vieira

**AS PRINCESAS NEGRAS QUE ENCONTREI: POR UMA EDUCAÇÃO LITERÁRIA
ANTIRRACISTA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia e aprovado em sua forma final pelo Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 10 de agosto de 2016.

Profa. Dra. Diana Carvalho de Carvalho e Prof. Dr. Jéferson Silveira Dantas
Coordenadores do Curso de Pedagogia

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Eliane Santana Dias Debus – Orientadora
(MEN/CED/UFSC)

Profa. Dra. Joana Célia dos Passos - Examinadora
(EED/CED/UFSC)

Profa. Dra. Maria Aparecida Rita Moreira - Examinadora
(Professora da Rede Estadual de Santa Catarina)

Profa. Me. Chirley Domingues - Suplente
(UNISUL - Doutoranda PPGE/UFSC)

Dedico meu trabalho ao meu pai Ademilton Vieira,
por me criar com toda força, amor, carinho e
coragem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu pai Ademilton Vieira e à minha avó Maria Sebastiana Vieira, que sempre estiveram ao meu lado, que nunca negaram esforços para me ajudar nos estudos e na vida pessoal.

À minha tia Andrea Maria de Oliveira e prima Amabile Maria de Oliveira por terem me ouvido e ajudado de alguma forma para que terminasse meu trabalho.

Ao meu grande amigo Homer de Oliveira, que me alegrou e me fez companhia nas horas difíceis.

Ao meu namorado Lucas Vinicius de Oliveira, que me auxiliou nos momentos de dúvidas e incertezas, não deixando desistir.

As minhas amigas Bruna Vieira, Ana Cláudia Vicente Demetrio e Karina da Silva, que ofereceram um braço amigo nesse período de finalização do curso.

As minhas colegas e amigas que fiz ao longo do curso, Daniely Borges, Susy Carvalho, Bianca de Souza Araujo, Viviane Martins.

Ao meu grande confidente que me auxiliou nos momentos mais difíceis Raimundo Nonato Teles.

À Universidade Federal de Santa Catarina pelos seus ensinamentos durante minha graduação.

Aos professores que tive a oportunidade de conhecer nesse período, que disponibilizaram a sua paciência e atenção em algum momento na graduação.

À minha orientadora, Profa. Dra. Eliane Santana Dias Debus, que me guiou com sugestões e leituras para que esse trabalho pudesse ser concluído.

A todos aqueles que de alguma forma fizeram parte da minha trajetória acadêmica.

Sonho no dia em que todos se levantarão e compreenderão que fomos feitos para vivermos como irmãos.

(Nelson Mandela).

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo realizar um levantamento de contos contemporâneos que apresentam princesas negras e a importância dessas histórias para uma educação antirracista, auxiliando na construção de uma sociedade justa e sem discriminação. Inicialmente, realizou-se um levantamento de 38 títulos, a partir do acervo Literalise – Grupo de pesquisa em Literatura infantil e juvenil e práticas de mediação literária, da Universidade Federal de Santa Catarina –, do Programa Nacional Bibliotecas na Escola (PNBE) e da *Revista Eletrônica de Educação*, de 2009. Após o levantamento foram selecionados para análise três livros: *O casamento da princesa*, de Celso Sisto; *Dandara e a princesa perdida*, de Maiara Suertegaray; e *Princesas Negras e a sabedoria ancestral*, de Ariane Meireles e Edileuza Penha de Souza. Utilizou-se como referencial para análise as características apontadas por Nelly Novaes Coelho para narrativas contemporâneas. A partir da apresentação desses contos, foi possível compreender melhor e também valorizar a cultura negra, além de poder tomá-los como apoio na construção de uma educação antirracista, que valorize a história, a cultura e a identidade da população afro-brasileira, utilizando suas histórias conhecidas por seus elementos feéricos.

Palavras-chave: Cultura Africana e Afro-brasileira. Literatura Infantil. Contos de Fadas Modernos.

ABSTRACT

This study aims to search the contemporary tales that feature black princesses and the importance of these stories for an anti-racist education, helping to build a fair society and without discrimination. Initially it was performed a collection of 38 titles, from Literalise collection – Research Group on Child and Youth Literature and Practices of Literary Mediation, Universidade Federal de Santa Catarina –, The National Program at the School Libraries (PNBE) and *Revista Eletrônica de Educação*, 2009. After the survey were selected for analysis three books: *O casamento da princesa*, by Celso Sisto; *Dandara e a princesa perdida*, by Maiara Suertegaray; *Princesas Negras e a sabedoria ancestral*, by Ariane Meireles and Edileuza Penha de Souza. We used as a reference for analysis the characteristics indicated by Nelly Novaes Coelho for contemporary narratives. From the presentation of these tales you can better understand as well as enhance the black culture, in addition to taking them to support the construction of an anti-racist education that values history, culture and identity of the African population Brazil, using their stories known for their fey elements.

Keywords: African and African-Brazilian Culture. Children's Literature. Modern Fairy Tales.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Magali (Rapunzel) na torre.....	21
Imagem 2 – Abena envolta de beleza e graça.....	33
Imagem 3 – As princesas da África.....	35
Imagem 4 – Retrato da beleza Negra.....	37

LISTA QUADROS

Quadro 1 – Diferenças do Tradicional e Novo da Nelly Novaes Coelho.....	19
Quadro 2 – Histórias da <i>Revista Eletrônica de Educação</i> (2009).....	28
Quadro 3 – Contos de fadas modernos do acervo Literalise.....	29

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. CONTOS DE LÁ, DO OUTRO LADO DO OCEANO	14
2.1 NOVO TEMPO, NOVAS HISTÓRIAS.....	18
3. A LEI Nº 10.639/2003 E SEU HISTÓRICO.....	23
3.1 A LEI Nº 10.639/2003 E A REAÇÃO DO MERCADO EDITORIAL	27
3.2 AS PRINCESAS NEGRAS QUE ME ENCANTARAM	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43

1. INTRODUÇÃO

A escolha dos contos de fadas como tema de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) teve início na disciplina Literatura e Infância (MEN-7132), do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ministrada pela Professora Doutora Eliane Santana Dias Debus, no primeiro semestre de 2014. Com o desenvolvimento da disciplina sobre a importância da literatura na formação leitora das crianças, procurei a Professora para que me orientasse na pesquisa sobre os contos de fadas e seus recontos.

A escolha do tema deu-se a partir de duas questões que me motivaram: primeiro por este gênero literário ter feito parte da minha infância através da leitura de livros como *Branca de Neve* e *Cinderela*, assim como por meio de filmes como *A Bela e a Fera*, *A Bela Adormecida*, entre outros, que me transportavam para um mundo cheio de possibilidades e cada momento com as princesas dessas narrativas era único, fazendo-me crer que tudo era possível e que os finais felizes podiam, de fato, acontecer no mundo real; o segundo motivo da escolha ocorreu pela constatação de que o tema está presente nos dias de hoje, com narrativas recheadas de contemporaneidade, isto é, encontram-se personagens de antanho vivendo de forma diversa no espaço contemporâneo, tanto em livros quanto em filmes.

Inicialmente tinha-se o desejo de trabalhar um conto de fadas específico, tentando compreender todo o contexto da sua história: personagens (vilão/herói), tempo e espaço. Após algumas orientações na delimitação do tema, cheguei à conclusão que deveria problematizar a questão étnico-racial presente nessas narrativas, ou seja, o porquê de os contos de fadas serem representados somente por princesas brancas. Na maioria das vezes as crianças negras procuram identificação dentro dos contos e acabam não encontrando. A partir daí, passei a pesquisar livros que trouxessem personagens negras representando reis, rainhas, príncipes e princesas, ou seja, figuras que estivessem envolvidas no mundo feérico.

A seleção dos títulos escolhidos para esta pesquisa se deu a partir de um levantamento de 38 títulos realizado no acervo do Grupo de pesquisa em Literatura infantil e juvenil e práticas de mediação literária (Literalise), da UFSC, bem como do acervo do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) e da *Revista Eletrônica de Educação*, que trouxeram os contos das princesas. Sendo assim, os livros selecionados foram: *O casamento da princesa*, de Celso Sisto (2010); *Dandara e a princesa perdida*, de Maira Suertegaray (2012); e *Princesas Negras e a sabedoria ancestral*, de Ariane Celestino Meireles e Edileuza Pena de Souza (2010).

A pesquisa foi pensada a partir do desejo de responder algumas questões que surgiram durante algumas leituras, tais como: por que a maioria das crianças só conhece os contos de fadas europeus, em particular aqueles escritos pelos Charles Perrault, Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen? Os contos de fadas contemporâneos podem auxiliar na formação de leitores críticos e contribuir para uma educação antirracista?

Desse modo, neste trabalho discutiremos a importância dos recontos para uma educação antirracista, auxiliando a construir uma sociedade que respeite as diferenças.

Os contos de fadas tradicionais estão presentes no cotidiano de várias crianças, desde a mais tenra idade, e servem para apresentar um mundo novo, muitas vezes cheio de possibilidades. No entanto, esses contos são estruturados a partir da cultura europeia, e por essa razão muitas crianças acabam não se identificando com os personagens e lições passadas pelos autores iniciais como Perrault, irmãos Grimm e Andersen.

A partir da hipótese de que as narrativas auxiliam na construção de uma identidade e contribuem para pensar sobre a construção da sociedade atual, se faz necessário apresentar novas formas de construção, questionando as existentes.

A pesquisa se consolida como qualitativa a partir da análise de livros literários, em particular os contos de fadas modernos. Para a análise nos apoiamos em referenciais teóricos, como: Bettelheim (2015), Coelho (1987), Debus (2006), Vale (2001), autores das versões dos contos de fadas europeus, como Charles Perrault, Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen, dos contos contemporâneos Meireles e Souza (2010), Suertegaray (2012) e Sisto (2010).

Este trabalho tem como principal objetivo realizar um levantamento de contos contemporâneos que apresentam princesas negras e a importância dessas histórias para uma educação antirracista, auxiliando na construção de uma sociedade justa e sem discriminação. O texto está dividido, além da introdução e conclusão, em duas partes. Na primeira é retratado um pouco das publicações e vida dos autores Charles Perrault, Irmãos Grimm, Hans Christian Andersen, compreendendo suas contribuições para os contos de fadas tradicionais; após explicaremos um pouco sobre os contos de fadas modernos e suas publicações e importância para a sociedade. Na segunda, discute-se sobre a Lei nº 10.639, de 2003 (BRASIL, 2003), para tentar entender como ela está constituída e sua importância para a sociedade e na educação; posteriormente são expostas as histórias com os contos de fadas modernos, pertencente ao acervo *Revista Eletrônica de Educação* (2009), Literalise e PNBE, nos quais foram selecionados três contos com princesas africanas para serem analisados e discutidos a partir dos elementos expostos por Nelly Novaes Coelho (1987, 2000, 2008).

2. CONTOS DE LÁ, DO OUTRO LADO DO OCEANO

Os contos são gêneros narrativos, sua origem oral é remota, residindo na época em que as pessoas se sentavam em volta da fogueira para ouvir histórias de caçadas, acontecimentos, viagens etc. Eles eram contados de pessoa para pessoa, corriam de boca em boca, transmitidos oralmente, e, por isso, tinham alguns dos seus elementos alterados, mas sempre buscavam trazer algum aprendizado moral; são também formas folclóricas de diversos povos para expressarem seus elementos culturais. Alguns acreditam que sua origem se deu com o povo Celta, primeiramente na forma de poemas, com elementos místicos, como enfatiza Coelho (1987, p. 31): “[...] ou melhor, foi na criação poética céltico-bretã que surgiram as primeiras mulheres sobrenaturais a darem origem à linhagem das fadas”.

Quando se originou os contos de fadas não existia a concepção de infância, e as crianças não possuíam espaço, assim como também não eram consideradas produtoras de cultura, desse modo, todas as produções literárias eram voltadas apenas para os adultos. Porém, no decorrer do século XVI mudanças ocorreram, ou seja, as crianças pararam de dividir o mesmo espaço de socialização que era voltado para os adultos, e passaram a ser vistas como crianças, e não mais como mini-adultos.

Até então, a representação da criança era de mini-adulto, como apresentada em algumas pinturas, conforme estudo do historiador francês Philippe Ariés (1981, p. 32): “Assim que a criança deixava os cueiros, ou seja, a faixa de tecido que era enrolada em torno de seu corpo, ela era vestida como os outros homens e mulheres de sua condição”.

Ainda no século XII, as crianças dividiam seu espaço e sua cultura com os adultos, mas isso foi se modificando entre os séculos XVI e XVII, conforme ia sendo introduzida a concepção de infância na sociedade pelas classes dominantes. Esse momento está datado através de pinturas, nas quais as crianças de famílias nobres não são mais retratadas como mini-adultos, segundo relatos de Áries (1981), a partir do século XVII. O pensar sobre a infância veio por interesse das classes dominantes, incluindo-as como sujeito de cultura. Fatos como este acabaram por modificar o papel das famílias para com as crianças.

Um dos primeiros escritores a coletar narrativas populares orais e transformá-las no que hoje chamamos de contos de fadas foi Charles Perrault (1628-1703), poeta e advogado de prestígio da corte francesa no reinado de Luís XIV. Em uma parte da sua vida ele coletou histórias que lhe eram contadas por camponeses e pessoas com quem conviviam, histórias da oralidade, isto é, um resgate da cultura francesa. Esses contos foram adaptados de forma a agradar a corte francesa, alguns elementos presentes nas narrativas orais eram retirados, tais

como trechos que apresentassem uma cultura pagã, segundo Costa (2006), e acrescentados detalhes que passassem conhecimentos necessários à época.

Como relatado por Coelho (2008), Perrault é responsável por publicar a primeira coletânea de contos infantis, intitulada *Contos da mamãe Gansa*, contendo as seguintes histórias: *A Bela Adormecida no Bosque*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Barba Azul*, *O Gato de Botas*, *As Fadas*, *A Gata Borralheira*, *Henrique do Topete* e *O Pequeno Polegar*.

Apesar de inicialmente a autoria pertencer ao filho de Charles Perrault, Pierre Darmancour, existem questionamentos sobre sua veracidade, como retradado por Souza (2014), possui a possibilidade de esses contos terem sido escritos a quatro mãos.

Sendo de início dedicado à sobrinha do Rei Luís XIV:

Charles Perrault nunca assumiu de fato a autoria da coletânea de contos e seu nome nunca esteve na capa ou contracapa de nenhuma das primeiras edições. Ele nem sequer mencionou este tema em sua biografia escrita pouco antes de sua morte. Em contrapartida Pierre Perrault Darmancour, filho do poeta, foi quem requereu junto ao rei o direito de imprimir, pois na época em questão a autorização era necessária e toda obra deveria passar pelo crivo do rei antes de se tornar pública. Além disso, Darmancour escreveu e assinou uma dedicatória à sobrinha do rei que trazia as seguintes palavras: “Não parecerá estranho que uma criança sinta prazer em compor os contos desta coletânea, mas poderá surpreender a ousadia de vo-los oferecer” (PERRAULT apud MENDES, 2000, p. 77). Portanto, o nome do filho subscreve a dedicatória sendo que o nome do pai jamais aparece. (SOUZA, 2014, p. 36).

Posteriormente foi inserida nesta coletânea mais dois contos, *A Pele de Asno* e *Griselides e desejos ridículos*, agora com a então autoria de Charles Perrault, e seus contos apresentam princesas, bruxas, fadas e elementos mágicos.

A preocupação inicial com os escritos de Perrault residia na recriação da literatura folclórica. Esses contos, na realidade, fugiam um pouco do que estava acostumado a escrever, como descreve Coelho (1987, p. 67): “Note-se, quanto a essa possível intencionalidade, que Perrault não iniciou seu trabalho de redescoberta do maravilhoso popular preocupado com as crianças”. Inicialmente ele não pensava em escrever para as crianças – talvez que por não ter presente a concepção de infância fundamentada pela parte burguesa –, e só após uma terceira adaptação de um dos seus contos, *A pele de asno*, é que começa a manifestar a intenção de apresentar o maravilhoso popular.

Passados 100 anos, aparecem dois outros escritores que voltam a recolher narrativas populares, só que agora sobre a cultura alemã, sendo eles os irmãos Grimm, Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859), grandes estudiosos da cultura alemã. Segundo Tatar (2004, p.

351), “Os contos da coletânea dos Grimm passaram a construir um arquivo cultural do folclore alemão, de histórias que, ao que se pensava, espelhavam e modelavam a identidade nacional”.

Os contos dos irmãos Grimm tinham o intuito de servir como documento de estudo sobre a língua e a cultura alemã, que apresentavam contos de outras culturas, como exemplo *Chapeuzinho Vermelho* de Charles Perrault, primeiramente listada em Charles Perrault. Em dezembro de 1812, publicaram seu primeiro livro, após recolherem dados e histórias apresentados pelo povo. Os contos preservaram sua essência inicial, não sofrendo nenhuma alteração como nos contos de Perrault. A primeira publicação dos irmãos apresentava 86 histórias recolhidas da tradição oral pertencentes ao folclore alemão, algumas histórias se tornaram popular nos dias atuais, a saber: *A Bela Adormecida*, *Os Sete Anões e a Branca de Neve*, *Chapeuzinho Vermelho*, *A Gata Borralheira*, *Rapunzel* e *João e Maria* (MAZZARI, 2012).

Como apresentado por Mazzari (2012), em 1815 os irmãos Grimm publicam o segundo, com 70 histórias, porém algumas alterações nos contos, decorrentes de críticas, modificando, assim, seu público-alvo para as publicações. Desse modo, os contos não eram mais para estudo da língua, é sim contos voltados para as crianças. Em 1822 lançam o seu terceiro volume com 156 narrativas, que fazem parte da infância até os dias atuais, tornando-se um manual educativo para as crianças e os adultos, por apresentarem lições morais.

No século XIX é apresentado para a população o terceiro escritor mais conhecido dos contos de fadas, Hans Christian Andersen (1805-1875). Natural da Dinamarca, diferente dos escritores dos contos de fadas que antecederam, segundo Costa (2006), Andersen na maioria dos seus contos se inspirava em acontecimentos presentes na sua infância, já Perrault e os irmãos Grimm apresentavam algumas histórias recolhidas da tradição oral.

A primeira publicação de Andersen é de 1835 e continha quatro contos: *A princesa e o grão de ervilha*, *O Patinho feio*, *o Soldadinho de Chumbo* e *A pequena Sereia*. Esses títulos fizeram grande sucesso na época, levando o autor a publicar outros 168 contos voltados para o público infantil. Suas histórias, como apresentado por Costa (2006, p. 34), relatam personagens com problemas financeiros e frágeis, e “Buscava com isso exaltar o espírito individualista da época. Mostrava que cada pessoa era diferente da outra”. Cada narrativa trazia um pouco das experiências de Andersen, do que vivia no seu dia a dia, ou seja, ele não era um mero propagador de histórias, mas sim criava suas histórias.

O autor apresenta alguns padrões de comportamento necessários para a sociedade de sua época, como descreve Coelho (2008): a defesa dos direitos, valorização do indivíduo,

ânsia de expansão do eu, consciência da precariedade da vida, crença na superioridade das coisas naturais, incentivo à fraternidade e a caridade cristã.

Essas publicações, em sua maioria, eram identificadas de maneira igual, dificilmente havendo distinções entre contos de fadas tradicionais e contos maravilhosos. Segundo Coelho (1987, p. 11), “Trata-se do conto de fadas e do conto maravilhoso, formas de narrativa maravilhosa surgida de fontes bem distintas, dando expressão a problemáticas bem diferentes, mas que, pelo fato de pertencer ao mundo maravilhoso, acabaram identificadas entre si como formas iguais”.

A partir desses elementos, a autora apresenta algumas distinções entre o conto de fadas e o conto maravilhoso: o primeiro é composto de narrativas com ou sem a presença de fadas (mas sempre com o maravilhoso), seus argumentos desenvolvem-se dentro da magia feérica, seu principal eixo gerador são as problemáticas existenciais em torno dos heróis (COELHO, 1987); o segundo tem sua origem nas narrativas orientais, seu eixo gerador são problemáticas sociais, passadas pelos protagonistas das histórias, como na *história O Gato de botas*, que tenta de todas as formas ajudar seu dono a melhorar sua vida social, “com ou sem fadas, via de regra se desenvolvem no cotidiano mágico” (COELHO, 1987, p. 14), alguns deles estão reunidos no livro *As mil e uma noites*, escrito no século XV, que da origem do folclore oriental, ficando conhecido apenas no século XVIII na cultura ocidental, a partir da tradução de Antoine Galland, em 1704. A coletânea *As mil e uma noites* acabou fazendo um grande sucesso no mundo ocidental, pois trazia elementos diferentes da cultura cristã.

Os personagens presentes no mundo dos contos de fadas, como Vale (2001, p. 47) assinala, são “crianças, jovens em idade de casar, príncipes, princesas, reis, rainhas, trabalhadores, anões, gigantes, duendes, fadas, bruxas e animais dotados de características humanas”, ainda são apresentadas algumas características presentes nesses personagens com virtudes ou defeitos, como orgulho, modéstia, covardia, feiura, beleza, bondade e maldade.

Essas características são relatadas em cada personagem, não explicitamente, para que possam tentar superar seus defeitos e acabe por triunfar em suas virtudes. Os contos de fadas tradicionais tentam mostrar que o bem sempre vence se seguir os ensinamentos corretos. Caso o personagem não consiga seguir o caminho, ele pode retornar e tirar algum aprendizado dos obstáculos que lhe foram apresentados no decorrer da história, como relatado nos contos de Perrault, irmãos Grimm e Andersen. Como exemplo desse tipo de história, trazemos *Chapeuzinho Vermelho*, que apesar da escolha do caminho errado para chegar à casa da sua avó, no final consegue escapar do lobo fazendo com que a virtude vença. Esses heróis atraem as crianças, como descreve Bettelheim (2015):

Não é o fato de a virtude vencer no final que promove a moralidade, mas sim o fato de o herói ser extremamente atraente para a criança, que se identifica com ele em todas as suas lutas. Devido a essa identificação, ela imagina que sofre com o herói suas provas e tribulações, e triunfa com ele quando a virtude sai vitoriosa. (BETTELHEIM, 2015, p. 17).

Os contos expressam significados diferentes para cada criança, levando-a a se identificar com certos tipos de personagens em determinados períodos da sua vida. Portanto, é importante ler os clássicos para trabalhar os preceitos que eles passam. Sendo assim, a leitura de um conto de fadas pode fazer sentido só em um determinado momento da vida. Segundo a autora, “Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)” (MACHADO, 2002. p. 23).

Os contos de fadas tradicionais são importantes por apresentarem problemas que cada um pode enfrentar, mostrando que todo mundo é capaz de superar seus obstáculos. O gênero tornou-se um clássico, sendo transmitido até os dias atuais em livros, filmes, propagandas, entre outros meios de comunicação, modificando alguns elementos com o decorrer do tempo, mas não perdendo a sua essência inicial, e assim apresentando perdas e conflitos presentes no trato social em que todos passam um dia. Para Debus e Domingues (2015), os contos de fadas são fontes inesgotáveis de inspiração para a humanidade, por isso muitos vão sendo contados e recontados até os dias atuais.

2.1 NOVO TEMPO, NOVAS HISTÓRIAS

O mundo segue dinâmico, passa por mudanças, junto com a concepção de infância e criança, que se torna detentora de sua cultura e conhecimentos. Com isso, é preciso pensar uma forma de interagir com esses novos leitores, repensar um novo meio de discutir e oferecer os contos de fadas de forma mais contemporânea. Na década de 1970, os contos modernos apresentaram-se na forma de campanhas publicitárias, livros, jogos: “Essas criações são conhecidas como contos modernos, porque embora mantenham o maravilhoso conduzem o leitor a uma percepção de si mesmo e da sociedade que circunda diferente da apresentada nos contos tradicionais” (VALE, 2001, p. 48).

Esses contos são criados para continuar mostrando o encantador do mundo feérico e discutir a realidade presente nos dias atuais, trabalhando não mais os problemas presentes apenas em um indivíduo, como nos contos de fadas antigos, mas, sim, os problemas

pertencentes a toda sociedade, questionando tudo que é apresentado, diferentemente dos contos tradicionais.

Um dos livros de contos modernos, *As princesas também soltam pum*, de autoria de Ilan Brenman e Ionil Zilberman, descreve as princesas como pessoas normais, e não como seres ilustres, que não fazem coisas desonrosas. Essa história inicia com o questionamento de Laura – uma menina muito curiosa – sobre se as princesas soltam pum, com o desenrolar da conversa é apresentado que todas as princesas, sem exceção, o fazem, o que leva a compreender que ninguém é perfeito, que todos temos problemas e precisamos ter coragem para encará-los.

Nos contos de fadas modernos é possível encontrar elementos do mundo das fadas, mas ao mesmo tempo desconstrói certas concepções criadas por eles. Os contos de fadas modernos apresentam histórias saídas da própria imaginação dos autores, ao contrário dos contos tradicionais que são histórias retiradas do imaginário popular. Os atuais discutem a concepção de classes, entre outras questões pertinentes na atualidade. Nelly Novaes Coelho (2000) elenca 10 tópicos que auxiliam no entendimento e na comparação das particularidades presentes nas histórias.

Quadro 1 – Diferenças do Tradicional e Novo segundo Nelly Novaes Coelho

O Tradicional	O Novo
1- Espírito individualista: “suas verdades absolutas são a pedra angular do sistema” (COELHO, 2000, p. 19).	1- O espírito solidário: “socializante, que é a consciência de um indivíduo é parte essencial do todo (a humanidade, a sociedade, o cosmos)” (COELHO, 2000, p. 24).
2- Obediência absoluta: “às autoridades detentoras do saber e do poder” (COELHO, 2000, p. 20).	2- Questionamento da autoridade: “Daí as verdades múltiplas (e não mais únicas ou unívocas) que se divulgam em nosso tempo, ou a enfermidade das modas e das certezas” (COELHO, 2000, p. 24).
3- O sistema social: “Quanto às classes valoriza as minorias privilegiadas pela fortuna” (COELHO, 2000, p. 21).	3- Sistema social: “Quanto às classes, o ideal a ser atingido é fazer desaparecer, no aspecto econômico, as injustiças e aviltantes diferenças sociais que hoje agudizam” (COELHO, 2000, p. 24).
4- Moral Dogmática: “avaliação transcendente da conduta humana” (COELHO, 2000, p. 21).	4- Moral da responsabilidade: “procura agir conscientemente em face da relatividade dos valores atuais e em relação ao direito do outro” (COELHO, 2000, p. 25).
5- Sociedade sexófoba: “sexo como pecado” (COELHO, 2000, p. 21).	5- Sociedade sexófila: “O sexo e assumido como ato natura...” (COELHO, 2000, p. 25).
6- Reverência pelo passado: “como modelo a ser seguido” (COELHO, 2000, p. 22).	6- Redescoberta do passado: “Dessa atitude surge, na literatura, a intertextualidade como processo criador, e a redescoberta de formas literárias do passado, que são recriadas pelo novo espírito dos tempos” (COELHO, 2000, p. 26).

7- Concepção da vida: “pelo culto das virtudes e das boas ações, possam ser novamente dignos de entrar no paraíso” (COELHO, 2000, p. 22).	7- Concepção de vida: “O fim de perfeição almejado pelo pensamento tradicional tende a ser substituído pelo ideal de aperfeiçoamento interior profundo, que ultrapassa os limites da vida” (COELHO, 2000, p. 26).
8- Racionalismo; “Tudo é explicado pela razão, apoiado pela fé, ora pela ciência” (COELHO, 2000, p. 22).	8- Valorização da intuição: “como abertura indispensável ao conhecimento da verdadeira realidade dos homens e do mundo” (COELHO, 2000, p. 26).
9- Racismo: “Na literatura infantil, a separação entre brancos e negros é notória: reflete uma situação social concreta” (COELHO, 2000, p. 23).	9- Antirracismo: “Valorização das diferentes culturas que correspondem às diferentes etnias, na busca de descobrir e preservar a autenticidade de cada uma” (COELHO, 2000, p. 27).
10- A criança: “é vista como um adulto em miniatura” (COELHO, 2000, p. 23).	10- A criança: “é vista como um ser em formação” (COELHO, 2000, p. 27).

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do livro *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. de Coelho (2000).

Essas comparações são fundamentais para entender como são constituídos os contos de fadas modernos e tradicionais e notar que as suas diferenças mostram que, apesar dos contos de fadas tradicionais serem encantadores, eles estão um pouco defasados em relação às necessidades pertinentes à sociedade atual, como, por exemplo, apresentar princesas apenas brancas, que acabam por levar a pensar que as outras crianças, negras, indígenas, entre outras etnias, não têm a possibilidade de ter um final feliz ou que suas vidas não podem ser representadas nessas narrativas encantatórias.

Os contos modernos apresentam um mundo cheio de novas possibilidades, uma concepção diferente de final feliz, em que a princesa pode se tornar a heroína da história e a menina pode ser a princesa que salva o príncipe do dragão na torre. Além de apresentar emoções, a literatura contemporânea tem como objetivo auxiliar na transformação para provocar uma consciência crítica no seu leitor com aquilo que lhe está sendo apresentado, por isso, muitos contos discutem certas questões relacionadas às classes sociais.

Os contos de fadas tradicionais, desde seu primórdio, assim como os contos modernos, apresentam as diferentes culturas que os constituíram, no qual cada história traz na bagagem elementos da sociedade que fizeram parte.

Outro elemento bem presente nos contos de fadas modernos é a intertextualidade, como, por exemplo, personagens ou paisagens presentes em outros textos, que dialogam com os contos de fadas tradicionais, como expõe Debus (2006) sobre o cartunista Mauricio de Sousa, que se utiliza de algumas características de personagens dos contos de fadas tradicionais para compor suas histórias. No exemplo relatado pela autora, Magali interpreta Rapunzel e o seu príncipe encantado é Quinzinho, “filho de padeiro, que alimenta o forte apetite da menina que está enclausurada na torre do castelo” (DEBUS, 2006, p. 65). O

cartunista já se utilizou desses dados em outras ocasiões para compor suas histórias, por isso, na Ilustração 1 apresento uma tirinha¹ da Turma da Mônica para poder elucidar o entendimento dos contos de fadas modernos presentes nos Gibis (quadrinhos).

Imagem 1 – Magali (Rapunzel) na torre



Fonte: Site Turma da Mônica.

A partir da Ilustração 1, podemos verificar que alguns contos podem conter intertextualidade e algumas peculiaridades presentes nos contos de fadas tradicionais ou apenas criar um novo conto com elementos feéricos presentes.

Antigamente, os contos tradicionais eram utilizados para passar ensinamentos, como as crianças deviam se comportar perante aos adultos. Já os contos de fadas modernos vêm ganhando espaço por exporem uma narrativa, na maioria das vezes, interativa com o leitor, levando-o a querer conhecer melhor esse mundo novo e ainda inexplorado por muitos, retratando alguns elementos já conhecidos (princesas, príncipes, bruxas etc.), mas com desafios contemporâneos, trabalhando os problemas sociais, raciais e econômicos da nossa atualidade. Também encontramos histórias com aventuras inovadoras onde, às vezes, pode-se ter a figura da princesa heroína, de um príncipe indefeso ou a ausência da figura masculina no contexto, como ocorre, por exemplo, no livro *A Bela e a Adormecida*, de Neil Gaiman, onde os papéis se invertem e quem salva a princesa é outra princesa, a Branca de Neve, com a ajuda dos sete anões, mas quem precisava realmente ser salva não era a princesa, mas, sim, a bruxa, pois o feitiço lançado havia trocado o corpo de uma pelo da outra. No desenrolar da história, a princesa, que estava no corpo da bruxa por 100 anos, consegue finalmente descansar.

Outra história dos contos modernos é o *Príncipe Cinderelo*, de Babette Cole, na qual o ser indefeso passa a ser o homem, que sofre na mão dos seus três irmãos; Cinderelo tem vontade de ir ao baile que seus irmãos foram convidados, porém que não tem como, assim, aparece uma fada toda atrapalhada, que acaba realizando o pedido de Cinderelo para ir ao

¹ Disponível em: <<http://turmadamonica.uol.com.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

baile como um macaco, só que por fim o pedido se desfaz após o encontro com a princesa, e eles acabam se casando.

Os exemplos de contos modernos apresentados até aqui são trazem elementos feéricos, mas apresentam contextos novos, como as mulheres apresentadas nas duas histórias, que fortes e determinadas, conseguem o que querem, não dependendo do homem para ser salva, como ocorre, geralmente, nos contos tradicionais.

Desse modo, podemos encontrar nos contos modernos aventura, mistério, fantasia e humor, que favorecem o estímulo do imaginário, entre outros elementos atrativos. Os autores da atualidade tentam desconstruir os estereótipos impostos pela sociedade a partir de personagens que apresentam atitudes diferentes das do passado, tal qual a mulher forte e inteligente retratada no conto *A Bela e a Adormecida*, na qual tenta desagregar o papel que os contos tradicionais trouxeram para as mulheres, retratando-as como seres indefesos que não conseguem ter controle sobre sua própria vida.

Sendo assim, atualmente retrata-se mais as personagens femininas possuidoras de coragem, força, inteligência e astúcia, características dadas antes apenas ao gênero masculino. Tais mudanças trazem novos conceitos para as crianças, a partir de aventuras que trabalham os preconceitos e preceitos presentes na sociedade atual que as levam a questionar o que lhes é imposto.

Portanto, os contos de fadas modernos apresentam histórias que fazem os leitores questionarem sobre a sociedade em que vivem e o que podem fazer para modificá-la. Cada um desses contos contribui para a construção da sociedade, trabalhando a história de acordo com as necessidades presentes na nossa comunidade.

3. A LEI Nº 10.639/2003 E SEU HISTÓRICO

Os contos de fadas tradicionais que são publicados com mais intensidade apresentam personagens brancos com elementos e costumes da cultura europeia. Porém, com o surgimento dos contos de fadas modernos e o movimento negro vão aparecendo, aos poucos, personagens negros, apresentando, assim, elementos, atitudes e paisagens pertencentes a cada cultura narrada.

Em princípio, os contos de fadas modernos não tinham como hábito apresentar personagens negros como heróis, heroínas, príncipes e princesas que, na maioria das vezes, apareciam como escravos ou empregados, desvalorizando a cultura afro-brasileira e remetendo à discriminação negra historicamente vivida no Brasil. Essas histórias acabam levando muitas crianças a depreciarem o pertencimento cultural, servindo para mostrar a cultura da classe dominante e desmerecer toda luta e memória presente na cultura africana e afro-brasileira que fazem parte da construção do nosso país.

Com a sanção da Lei nº 10.639, 9 de janeiro de 2003 (BRASIL, 2003), é essencial para a desconstrução da cultura racista existente no Brasil desde o período colonial, que desmerece o pertencimento cultural dos povos negros.

No passado os negros eram vistos como objeto, as mulheres negras serviam como mucamas, alimentavam, cuidavam e organizavam a “casa grande” da elite branca, servindo apenas para saciar a vontade da cultura dominante, hoje, apesar dos avanços, ainda estão presentes de modo inferiorizado na nossa cultura. A luta por reconhecimento iniciou antes da abolição da escravidão como GOMES (2010, p. 2) apresenta:

Uma trajetória que se inicia com os quilombos, os abortos, os assassinatos de senhores nos tempos da escravidão, tem ativa participação na luta abolicionista e adentra os tempos da república com as organizações políticas, as associações, a imprensa negra, entre outros.

A desvalorização que os negros sofriam no período da escravidão eram retradados em algumas histórias, deixando de lado toda sua trajetória por respeito, podemos encontrar nas histórias de Monteiro Lobato entre outros autores, a distorção de personagens negros submissos aos brancos, como a tia Nastácia do *Sítio do Pica-pau Amarelo* é tratada como a “negra” no sentido de um objeto e não como um a pessoa que faz parte do dia a dia da família.

Na mídia, aparecem pouquíssimas vezes personagens negros como protagonistas ou heróis, mostrando que a distinção racial é algo muito recorrente no cotidiano da sociedade.

O Movimento Negro, que se estabeleceu no século XX, demandou reflexões importantes direcionadas a novos projetos educacionais que inseriram em seus currículos escolares conteúdos comprometidos com a história e a cultura afro-brasileira e africana, essenciais à compreensão e construção do respeito às diferentes:

[...] as suas reivindicações passam a focar uma outra intervenção política: a denúncia da postura de neutralidade do Estado frente a desigualdade racial reivindicando do mesmo a adoção de políticas de ação afirmativa e a intervenção no interior do próprio Estado mediante a inserção de ativistas e intelectuais do Movimento Negro nas administrações municipais e estaduais de caráter progressista e no próprio governo federal. (GOMES, 2010, p. 3).

Esses questionamentos são fundamentais para a elaboração de projetos pedagógicos que auxiliem na desconstrução dos preconceitos e na construção de uma sociedade justa, que saiba respeitar o próximo, começando desde cedo com as crianças, dentro das escolas.

Depois de muita luta e empenho do Movimento Negro para o reconhecimento cultural e respeito, é implementada a Lei nº 10.639, altera a Lei nº 9.394/1996, de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (BRASIL, 1996), determinando a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, no currículo escolar das escolas públicas e particulares, política de ação afirmativa contendo dois artigos iniciais sendo o 26-A e 76-B (BRASIL, 2003).

O primeiro artigo, o 26-A, tem como objetivo geral o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas particulares e públicas, trabalhando a história da África dos africanos que vieram escravizados, a luta dos negros e da população indígena no Brasil, tentando compreender como se constituiu nossa nação a partir de certos acontecimentos relacionados a essas populações (BRASIL, 2003).

O segundo artigo, o 76-B, coloca como obrigatória a aplicação do dia 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra nos calendários escolares (BRASIL, 2003), que foi pensado após uma longa trajetória histórica dos negros na busca de valorização e afirmação dos seus direitos, buscando o fim do preconceito e do racismo na sociedade em que vivemos, trabalhando sem distinção de cor ou classes, como apresentado no parecer nº 3, de 2004, do Conselho Nacional de Educação (CNP):

Nesta perspectiva, propõe à divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada. (BRASIL, 2004, p. 2).

Acreditamos na eficiência de publicações de materiais, na escola e na sociedade, que tragam em seu conteúdo elementos de valorização da cultura africana e afro-brasileira, auxiliando o trabalho com as diferenças sem ser algo excepcional, ampliando o currículo escolar. Isto é, um material que proponha uma diversidade cultural, racial e social, tornando os estudantes indivíduos que modifiquem a sociedade, garantindo direitos e respeito a todos, contribuindo na condução de uma sociedade que não se apegue aos pertencimentos raciais.

É através do convívio social e escolar que as diferenças socioculturais são utilizadas para construir a identidade da criança. Por isso, é essencial que sejam trabalhados elementos que valorizem e mostrem todas as diferentes culturas presentes na escola e na sociedade, não apenas a cultura dominante.

O Brasil é cheio de discriminação, no qual o negro é retratado de forma desvalorizada, e acabam se tornando submissos às imposições que cultura dominante faz dentro da sociedade, e assim desvalorizam a cultura herdada dos africanos pelos afro-brasileiros e seus aspectos físicos. É também mostrado como trabalhar positivamente a história e cultura africana e afro-brasileira dentro das escolas, trazendo elementos para desconstruir a imagem herdada da época da escravização colonial. Sendo assim, é preciso que dentro das escolas se valorize as relações e aprendizagens que ocorrem entre as diferentes etnias e culturas.

Desse modo, não podemos de forma alguma desmerecer nenhuma cultura, pois elas são essenciais, inicialmente, para tornar as crianças e adultos melhores, e contribuir para transformar a concepção dos adultos em relação aos preconceitos presentes na sociedade contemporânea, para que os negros tenham mais orgulho ainda de serem negros, com demonstração de respeito à comunidade em que convivem, já que, como o parecer apresenta, o orgulho apresentado pelo Movimento Negro precisa ser incorporado por nossa população (BRASIL, 2004).

Na construção de uma escola plural é necessário que ocorra um olhar diferenciado para a diversidade étnico-racial, esse olhar preciso estar presente no cotidiano da escola, utilizando ferramentas como textos literários que retratem diferentes percepções sobre a participação das diferentes etnias na construção do povo brasileiro.

A Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003) tenta apresentar possibilidades de transformar a sociedade deturpada que vivemos, a partir de uma educação universal de qualidade e igualitária, entendendo as relações entre os grupos sociais dentro das escolas e na sociedade, suas particularidades e equivalências, construindo um trabalho pedagógico que desagregue o desrespeito, a discriminação e os preconceitos sofridos ao longo de muitas gerações,

principalmente pelos negros, que são tratados, na maioria das vezes, como sujeitos, violentos ou preguiçosos, entre outros pejorativos.

A educação das relações étnico-raciais tem como principal pilar a Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e os seus pareceres (BRASIL, 2004, 2010, 2011), oferecendo possibilidades e fundamentos positivos para o combate a intolerância e o incentivo às crianças e aos adultos na luta por uma sociedade que preze a igualdade social entre todos os grupos.

Essas mudanças foram pensadas, inicialmente, para dentro das escolas, espaço rico em diversidade cultural e racial, na qual se pode propor, de forma saudável, as relações entre as diferenças, porém é necessário que essas relações também ocorram dentro da família, das comunidades e de outros meios comunitários que fazem parte da nossa sociedade, como referido no Parecer CNE/CP nº 003/2004:

A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários. (BRASIL, 2004, p. 6).

A escola é o primeiro espaço de convívio das crianças com as diferentes culturas presentes na nação brasileira, por isso é imprescindível que se invista em preparação, para que os atores da educação conheçam a importância da execução da lei nos currículos escolares, estando prontos a fomentar entre os alunos o respeito às diferenças e o orgulho pela sua etnia.

É preciso que se trabalhem conteúdos, livros literários, materiais didáticos com histórias e elementos atrativos para as crianças, adolescentes e adultos, apresentando a trajetória histórica e cultural dos afro-brasileiros e africanos de forma clara, reconhecendo suas contribuições na estruturação da sociedade brasileira, de modo a construir o sentimento de respeito a todos, desconstruindo, assim, nossa cultura racista.

No Brasil, a maior exclusão se dá com o negro, mas também há uma distinção entre os diferentes grupos, pardo, amarelo e indígena, sendo o grupo privilegiado o branco, que demonstra claramente que separamos nossa humanidade por raça ou classe, maculando o conceito de que somos todos iguais e as oportunidades também. Desse modo, se faz necessário que sejamos tratados por igual, sem esquecer que cada um tem sua cultura, suas particularidades, e que pertencemos ao mesmo meio histórico, no qual podemos nos encontrar histórias com heróis e heroínas não brancos, pois nossa cultura é formada por várias outras etnias, não apenas pela europeia.

Lamentavelmente, para muitos essa concepção ainda não está presente, haja vista que a maioria das histórias vendidas nas livrarias retrata a beleza das princesas loiras, de pele clara. Porém, precisamos nos modificar, e quem sabe comecemos pelas histórias que são apresentadas às crianças. Afinal, elas são o presente do nosso país e com o apoio da Lei e dos pareceres acreditamos que é possível mudar o histórico da cultura racista presente no Brasil.

3.1 A LEI N° 10.639/2003 E A REAÇÃO DO MERCADO EDITORIAL

Após algumas leituras realizadas para entender melhor o efeito da Lei n° 10.639/2003 (BRASIL, 2003) junto ao mercado editorial, verificamos que estudos relacionados à forma como eram tratadas a cultura e a história africana e afro-brasileira no Brasil através dos livros infantis estão documentados desde o fim da escravidão e ao longo do século XX, como mostram alguns levantamentos realizados por pesquisadores: Rosemberg (1985 apud DEBUS, 2011) apresenta uma análise de títulos para infância publicados entre os anos de 1955 e 1975; Bazzili (1999apud DEBUS, 2011) analisa títulos publicados entre os anos de 1976 a 1989; Oliveira (2003apud DEBUS, 2011) reflete sobre títulos publicados entre os anos de 1979 e 1989; Ferreira (2008 apud DEBUS, 2011) investiga títulos a partir dos do acervo do PNBE/2005.

Pelo foco dado à pluralidade cultural, alguns desses levantamentos foram essenciais para o entendimento de alguns estudiosos em relação à representação do papel dos negros dentro da sociedade, auxiliando a entender toda a trajetória literária e de luta associada ao Movimento Negro, até chegarmos à aprovação da Lei (BRASIL, 2003), como destaca Kirchof, Bonin e Silveira (2015, p. 392), “Raríssimas eram as obras com protagonistas negros e, em geral, as personagens racializadas traziam elementos depreciativos das culturas e identidades afro-brasileiras”.

Por isso, no estudo apresentado previamente, verifica-se que existiam poucos livros que traziam ao conhecimento das crianças a cultura africana e afro-brasileira, e os poucos personagens negros eram mostrados, na maioria das vezes, como subalternos da cultura dominante, desacreditados, inferiorizados e estigmatizados, pois era raro ver os negros como heróis, heroínas, príncipes, princesas, fazendo papéis de protagonistas nas histórias da literatura infanto-juvenil.

A partir de 2003, com a efetivação da Lei n° 10.639, que regulamenta a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas (BRASIL, 2003), surgem novos personagens e histórias e editoras.

Novas obras vão surgindo a partir das demandas apresentadas pela Lei e vão se expandido e desmistificando a concepção que as histórias antigas apresentavam sobre os negros, trabalhando com elementos pertencentes a nossa atualidade, com todos os problemas sociais e políticos, e conteúdos necessários para serem desenvolvidos dentro das escolas.

Algumas dessas histórias que vão tomando espaço apresentam personagens negros, heróis tomando o lugar principal da história, em alguns momentos relatando um pouco sobre uma cultura que até então desconhecíamos, como, por exemplo, a coleção *Princesas Africanas*, de março de 2009, da *Revista Eletrônica de Educação*, financiada pela Petrobras que apresenta histórias e textos, que trazem 19 histórias com elementos feéricos, e uma coleção pensada para professores, contando com o auxílio de vários autores brasileiros, conforme apresenta o Quadro 2.

Quadro 2 - Histórias da Revista Eletrônica de Educação (2009)

Título	Autor
1. <i>Princesas africanas</i>	Jason Prado
2. <i>O sonho de ser princesa</i>	Andréa Bastos Tigre e Rossely Peres
3. <i>As princesas nos contos de fadas</i>	Sonia Rodrigues
4. <i>São outras as nossas princesas</i>	Sueli de Oliveira Rocha
5. <i>Que fada é essa?</i>	Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque
6. <i>A donzela, o sapo e o filho do chefe</i>	Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque
7. <i>Rainhas negras na África e no Brasil</i>	Luiz Geraldo Silva
8. <i>As princesas africanas</i>	Braulio Tavares
9. <i>O casamento da princesa</i>	Celso Sisto
10. <i>Minha princesa africana</i>	Márcio Vassalo
11. <i>Uma princesa em São Tomé e Príncipe</i>	Ana Lúcia Silva Souza
12. <i>Princesa de África, o filme (Entrevista com diretor que relata o filme princesa de África)</i>	Uma entrevista com Juan Laguna.
13. <i>A leitura dos símbolos nagô</i>	Marco Aurélio Luz
14. <i>A lenda da princesa negra que incendiou o mar</i>	Geraldo Maia
15. <i>Nas malhas das imagens e nas trilhas da resistência: heroínas negras de ontem e de hoje</i>	Andréia Lisboa de Sousa
16. <i>Uma guerreira</i>	Julio Emilio Braz
17. <i>Princesa, não. Mas...</i>	Marina Colasanti
18. <i>Os três cocos</i>	Maria Clara Cavalcanti de Albuquerque
19. <i>Uma princesa afrodescendente</i>	Sueli de Oliveira Rocha
20. <i>Princesa descombinada</i>	Janaína Michalski
21. <i>Princesas africanas e algumas histórias</i>	- Tiely Queen (Atiely Santos),

Fonte: Elaboração da autora, a partir do acervo *Revista Eletrônica de Educação* (2009).

Em geral os contos apresentados na Revista retratam a vida das princesas no continente africano, os diferentes elementos da cultura africana presentes na cultura afro-brasileira, a beleza da mulher africana e algumas crendices, lendas, elementos e preceitos

presentes na religião. A publicação desses contos é essencial para a compreensão dos elementos pertencentes à cultura de muitas crianças que convivem nas escolas e fora delas.

A seguir, apresentaremos algumas publicações de contos de fadas modernos, para a compreensão do acréscimo dessas publicações que discutem de uma forma positiva os problemas e preconceitos pertencentes a nossa sociedade atual.

Como já destacado, os títulos foram elencados a partir do acervo do Grupo de Pesquisa Literalise, do acervo do PNBE (Quadro 3). Desse modo, sabemos de antemão que não estamos contemplando todos os títulos disponíveis no mercado editorial.

Quadro 3 – Contos de fadas modernos do acervo Literalise e PNBE²

Título	Autor	Ilustração	Editora	Ano
1. <i>A Fada lá de Pasárgada</i>	Sylvia Orthoff	Tato	Miguilim	1990
2. <i>O Rei Preto de Ouro Preto</i>	Sylvia Orthoff	Tato	Moderna	1997
3. <i>O Menino que não se chamava João e a Menina que não se chamava Maria</i>	Georgina da Costa Martins	Victor Tavares	DCL	1999
4. <i>Rufina</i>	Marciano Vasques	Osório Garcia	Franco	2004
5. <i>O amigo do Rei</i>	Ruth Rocha	Eva Furnari	Ática	2006
6. <i>Chico Rei</i>	Renato Lima	Graça Lima	Paulus	2006
7. <i>Omo-Oba: histórias de Princesas</i>	Kiusam de Oliveira	Josias Marinho	Mazza	2009
8. <i>Pretinha das Neves e os Sete Gigantes</i>	Rubem Filho	Telma Custódio e Manuel Rebelato Miramontes	Paulinas	2009
9. <i>Lendas Africanas: e a Força dos Tambores Cruzou o Mar</i>	Denise Carreira	Rubem Filho	Salesiana	2010
10. <i>Princesas Negras e a sabedoria ancestral</i>	Ariane Celestino Meireles e Edileuza Penha de Souza	Valdério Costa	Nandyala	2010
11. <i>O casamento da princesa</i>	Celso Sisto	Simone Matias	Prumo	2010
12. <i>O Príncipe da Beira</i>	Josias Marinho	Josias Marinho	Mazza	2011
13. <i>Aconteceu na Escola *Um dia de Princesa*</i>	Anna Claudia Ramos e Sandra Pina	Luis Saguar e Rose Araújo	Pallas	2012
14. <i>Rapunzel e o Quibungo</i>	Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho	Walter Lara	Mazza	2012
15. <i>Dandara e a Princesa perdida</i>	Maira Suertegaray	Carla Pilla	Compasso Lugar Cultural: Imprensa livre	2012
16. <i>Afra e os Três Lobos-guarás</i>	Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho	Walter Lara	Mazza	2013
17. <i>Joãozinho e Maria</i>	Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho	Walter Lara	Mazza	2013
18. <i>Histórias Africanas</i>	Ana Maria Machado	Laurent Cardon	FTD	2014

Fonte: Elaboração da autora, a partir do acervo do Literalise e PNBE.

² Vale o alertar sobre a ilustração do livro *Rufina*, pois a personagem é representada com lábios de palhaço enormes, estereotipando as características dos negros.

Os livros aqui elencados apresentam 18 histórias, presentes sete editoras que trabalham em específico com a temática étnico racial, que trazem o mundo dos contos de fadas modernos, apresentando fadas, princesas, príncipes, rainhas e reis negros, inseridos na cultura africana ou afro-brasileira. Pode-se perceber que, após a lei em 2003, a publicação de livros com personagens principais negros está aumentando, mostrando, assim, que são possíveis termos outra representação que não seja aquela da princesa branca de cabelos loiros e olhos azuis.

O livro (1), como apresentado do Quadro 3, *A Fada lá de Pasárgada*, de Sylvia Orthoff, retrata o mundo dos contos de fadas modernos do acervo, a partir de poemas sobre o mundo feérico que se utiliza de elementos da cultura africana e europeia. Também retratam como principais personagens, as fadas negras de alguns poemas narrados no meio de outras culturas.

No livro (4) *Rufina*, de Marciano Vasques, a menina negra retrata sua fada com a mesma cor da sua pele, fugindo do contexto apresentado por seus amigos, que desenham fadas brancas.

Os livros (9) *Lendas Africana: e a força dos tambores cruzou o mar*, de Denise Carreira, (18), *Histórias Africanas*, no conto *A filha do Sol e da Lua*, de Ana Maria Machado, (7), *OMO-OBA: Histórias de Princesas*, de Kiusam de Oliveira, trazem elementos pertencentes à cultura folclórica e religiosa, a exemplo do livro 7 que apresenta as princesas presentes na religião africana.

Podemos encontrar elementos da cultura africana e afro-brasileira que se entrelaçam e retratam sua trajetória no Brasil nos livros: (2) *O rei preto de ouro preto*, de Sylvia Orthoff; (5) *O amigo do rei*, de Ruth Rocha; e (6) *Chico Rei*, de Renato Lima. Esses livros relatam a história de reis negros que são obrigados a vir para o Brasil, como no livro (2), ou que aqui já estavam e eram tratados como reis por seus seguidores, livro (5).

Nos livros (17) *Joãozinho e Maria*, (14) *Rapunzel e o Quibungo*, (16) *Afra e os três lobos-guarás*, todos de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, são apresentados elementos da cultura folclórica do Brasil, fazendo algumas intertextualidades com os contos de fadas tradicionais, algumas características presentes nos personagens, como a trança e o príncipe, ou a casa de guloseimas da história, presente na história (17).

A história (8) *Pretinha de Neve e os sete Gigantes*, de Rubem Filho, também trabalha com elementos presentes no tradicional, no conto de fadas *Branca de Neve e os sete anos*.

Outro conto moderno presente no acervo é o livro (3) *O menino que não se chamava João e a Menina que não se chamava Maria*, de Georgina da Costa Martins, que apresenta alguns elementos presentes nos contos tradicionais, trabalhando ao mesmo tempo os problemas pertencentes a nossa sociedade, como a pobreza que os protagonistas passam ao longo da história.

O livro (13) *Aconteceu na Escola *Um dia de Princesa**, de Anna Claudia Ramos e Sandra Pina, retrata o cotidiano de uma escola, onde uma professora tenta trabalhar com as diversidades a partir de uma peça de teatro, com princesa, príncipe, rei, rainha, plebeus, bruxas e fadas, trabalhando com conceitos físicos e estéticos. A peça tem o auxílio da comunidade e das famílias de todas as crianças, trazendo concepções de respeito muitas vezes esquecidas no cotidiano.

Não podemos deixar de citar o príncipe que encontramos nesse acervo, como no livro (12) *O príncipe da beira*, de Josias Marinho, e as diferentes princesas inseridas na cultura africana e afro-brasileira, representadas nos livros (11) *O casamento da princesa*, de Celso Sisto, (15) *Dandara e a princesa esquecida*, de Maira Suertegaray, e (10) *Princesas Negras e a sabedoria ancestral*, das autoras Ariane Celestino Meireles e Edileuza Penha de Souza.

Esses títulos que se ampliaram no mercado editorial são fundamentais para desenvolver reflexões sobre o ser e estar no mundo, respeitando o outro e suas diferenças.

O levantamento dos contos de fadas modernos presentes no acervo do Grupo Literalise, PNBE e a *Revista Eletrônica de Educação* são indispensáveis para a compreensão destas publicações ao longo dos anos, com os personagens principais negros, bem como o levantamento realizado por Debus e Vasques (2009), que constata que após 2003 as publicações de histórias com personagens principais negros vêm aumentando.

Este acervo, construído ao longo de anos, é fundamental para a exploração de conceitos e preceitos através da leitura literária proposta, pois cada leitura é um momento único e uma experiência diferente para cada pessoa. Não podemos esquecer, porém, que dentro de cada história há diferentes conhecimentos para as crianças e por isso a escolha adequada dos livros e materiais didáticos pelas escolas é de suma importância, pois a partir deles podemos modificar o mundo, lembrando que um livro bem estruturado pode auxiliar e muito na inserção social de crianças de várias etnias, que se sentem inferiorizadas perante seus colegas de sala.

Sendo assim, precisamos desagregar a ideia de que as princesas são brancas, de cabelos claros, ou que os príncipes viram cavalgando em um cavalo branco. Na atualidade,

temos que admitir que todas as etnias precisam fazer parte do mundo mágico da literatura, e que nada e nem ninguém pode mudar esse conceito.

Os livros literários são utilizados como exemplos para as crianças e também, muitas vezes, é o primeiro contato que muitas delas têm com os acontecimentos do mundo exterior, por esse motivo é preciso que neles estejam presentes ensinamentos e preceitos, tudo isso ocorrendo a partir da escolha de um seleto repertório de livros.

Desse modo, a Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003) foi fundamental para a inserção de novas histórias dentro das escolas, e ajudou na expansão do acervo literário referente à cultura e história africana e afro-brasileira, mas apesar da quantidade não se garante qualidade:

Nos últimos anos, com as ações e reivindicações das entidades do movimento negro, e principalmente após a Lei nº 10.639/03, surgiram obras de literatura infantil reafirmando a negritude, identificando personagens que assumem sua negritude. No entanto, para Sousa (ibidem), muitas dessas obras possuem uma linguagem que compromete a qualidade da obra literária, adquirindo um caráter de livro didático ou de história. (LOPES, OLIVEIRA, 2015, p. 233).

Mesmo que já tenham ocorrido muitas divulgações voltadas para a educação étnico-racial, é necessário que seja selecionado cada material a ser utilizado dentro das escolas, assim como os que serão levados para casa, pois muitos livros ainda trazem o estereótipo do negro coitado, maltratado e inferiorizado. Esses conteúdos serão fundamentais para a construção da identidade das crianças, auxiliando no convívio social e suas mudanças.

Além de ser uma ferramenta fundamental para inserir as crianças no campo literário, os contos que mostram o conceito étnico racial são essenciais para ajudá-las a compreender um pouco da cultura de cada indivíduo. Oliveira (2003) mostra como a apresentação de personagens negros como protagonistas é importante para que, tanto os negros como os brancos, possam se identificar e modificar o olhar sobre nossa sociedade. Essas novas histórias propõe discutir o preconceito presente na sociedade e em como modificá-la, assim é preciso que se escolham corretamente os livros que serão apresentados para as crianças, pois é a partir deles que elas irão conhecer o mundo em que vivem e poderão fazer sua parte para modificar nossa sociedade racista.

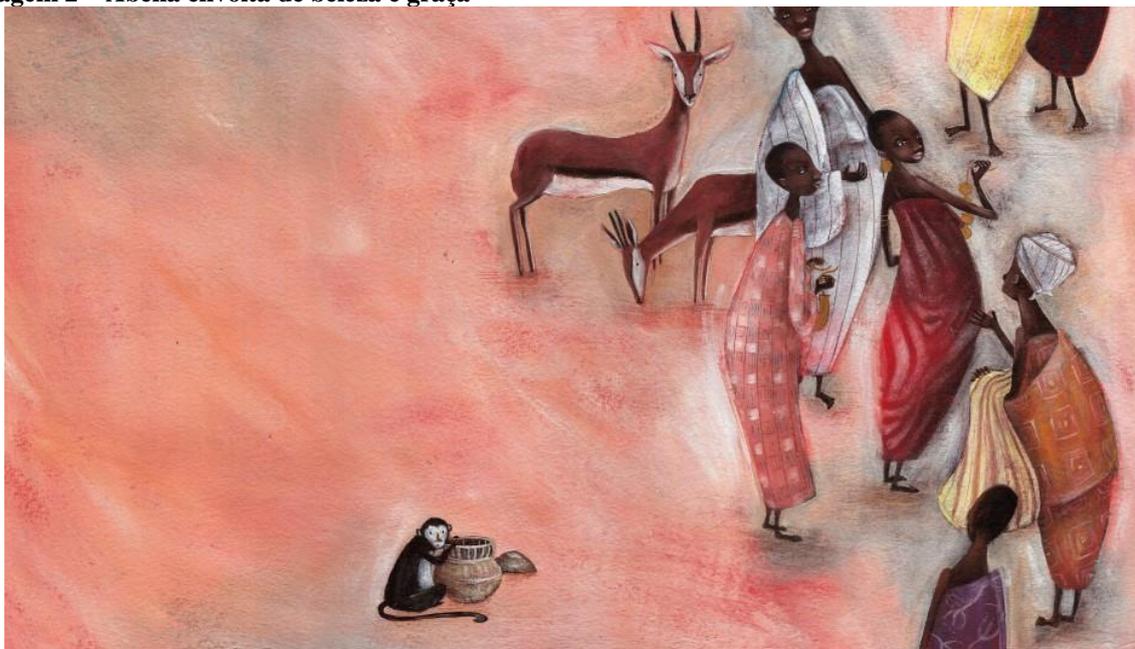
3.2 AS PRINCESAS NEGRAS QUE ME ENCANTARAM

Inicialmente foram mapeados 39 livros com contos de fadas modernos pertencentes ao acervo do Grupo de Pesquisa Literária da UFSC, ao PNBE e à Revista de Informações para

Agentes de Leitura do ano de 2009, nos dois acervos são apresentado á história *O casamento da princesa* de Celso Sisto sendo assim ficamos com 38 histórias levantadas, apresentam 22 princesas africanas, que citamos no capítulo anterior. Desses livros, selecionamos três para apresentar mais detalhadamente neste capítulo. Nosso critério de escolha encaminhou para narrativas que trouxessem como protagonistas princesas negras, cujo modo de vestir, seus cabelos e suas aventuras fossem próprias da cultura africana e, ao mesmo tempo, presentes na cultura afro-brasileira.

O primeiro livro selecionado foi *O casamento da princesa*, de Celso Sisto (2009, p. 37), que apresenta uma bela princesa da África Ocidental chamada Abena, possuidora de traços marcantes: “pescoço alongado, rosto arredondado e seios grandes”. Seu pai, orgulhoso da beleza da filha, tinha a certeza que seria fácil casá-la. Com o passar do tempo e com o auxílio de trajes de tecidos coloridos, colares e brincos, a beleza e a graça de Abena (Imagem 2) mais e mais se acentuavam, propalando-se ao longo de todo o continente. Como consequência, pretendentes, com pedidos de casamento, logo começaram a aparecer. Os primeiros pedidos de casamento foram feitos pelo Fogo e pela Chuva.

Imagem 2 – Abena envolta de beleza e graça



Fonte: Site Serravalle na África. Disponível em: <<https://serravallenaafricadosul.blogspot.com.br/2013/11/conto-africano-o-casamento-da-princesa.html>>. Acesso em: 19 jul. 2016.

A Chuva vestiu-se adequadamente para o encontro com sua pretendente, usando um *kente*, traje típico do povo Ashanti, e ao pedir a mão de Abena em casamento deixou-a encantada com suas palavras doces e seu olhar: “O olhar molhado, o corpo luzidio, as palavras que rolavam feito água cantante ficaram ainda mais bonitas nos versos que ele

chuviscou em seus ouvidos” (SISTO, 2009, p. 37). Abena aceita o pedido de casamento da Chuva sem hesitar, não sabendo que seu outro pretendente, o Fogo, estava em conversa com seu pai, que também lhe prometia a mão de sua filha.

Ao amanhecer, o Fogo e a Chuva encontram-se nas terras da princesa e do rei para saber a data do casamento, não sabendo, porém, que ambos estavam prometidos à mesma moça. Para resolver o impasse o rei decide que no dia marcado para o casamento haveria uma corrida entre os dois pretendentes e o vencedor se casaria com a princesa. A notícia da disputa entre o Fogo e a Chuva se espalhou por toda a África Ocidental. Entretanto, para Abena, fosse qual fosse o resultado o seu coração já tinha um dono, mas calava-se, pois não podia contrariar seu pai, o rei da aldeia.

Chegado o dia da disputa e do casamento, a aldeia fez-se em festa, pois todos aguardavam ansiosos pelo desfecho. Foi dada a partida pelo rei, a corrida entre a Chuva e o Fogo começa e: “Os tantãs faziam vibrar a pele do antílope negro que recobria cada tambor, os chifres e as trombetas espalhavam no ar seus sons, ora estimulando as torcidas, ora impulsionando os concorrentes” (SISTO, 2009, p. 38-39).

De início, o Fogo estava na frente com o auxílio do vento, que o ajudava a se espalhar. Por mais esforço que a Chuva fizesse, não conseguia ficar em primeiro na disputa. O Fogo estava quase alcançando a linha de chegada, deixando um rastro de cinzas por onde passava, quando algo imprevisível ocorreu: o Céu lançou um imenso rugido, “Um trovão, que foi ouvido desde as águas do golfo até as paredes das montanhas, ecoou no ar” (SISTO, 2009, p. 39). Logo após, um grande aguaceiro desabou sobre a aldeia trazendo a força de uma manada de elefantes correndo pelas savanas. O Fogo, que estava a poucos metros da chegada, apagou-se, e a Chuva conseguiu chegar ao fim da corrida e foi declarada vencedora! Os olhos da princesa Abena comemoram a vitória do seu amado como retratado na história:

O ritmo dos tantãs, que então batiam mais forte, obrigou todos que ali estavam a entrar na dança, que se estendeu por incontáveis noites. Daquele dia em diante, o Fogo e a Chuva tornaram-se inimigos mortais. Só uma coisa não teve mais jeito: toda vez que chove forte, as pessoas param o que estão fazendo e põem-se a bailar debaixo da água que cai do Céu, tudo, tudo ainda para comemorar o casamento da princesa. (SISTO, 2009, p. 39).

O segundo livro selecionado, *Dandara e a princesa esquecida*, de Maíra Suertegaray (2012), conta a história de Dandara, uma menina muito esperta que adora ler e fazer perguntas. Ela conhece muitas histórias de príncipes e princesas, que são as suas preferidas, e, por conhecê-las muito bem, pergunta-se: por que só as princesas brancas são apresentadas nas histórias?

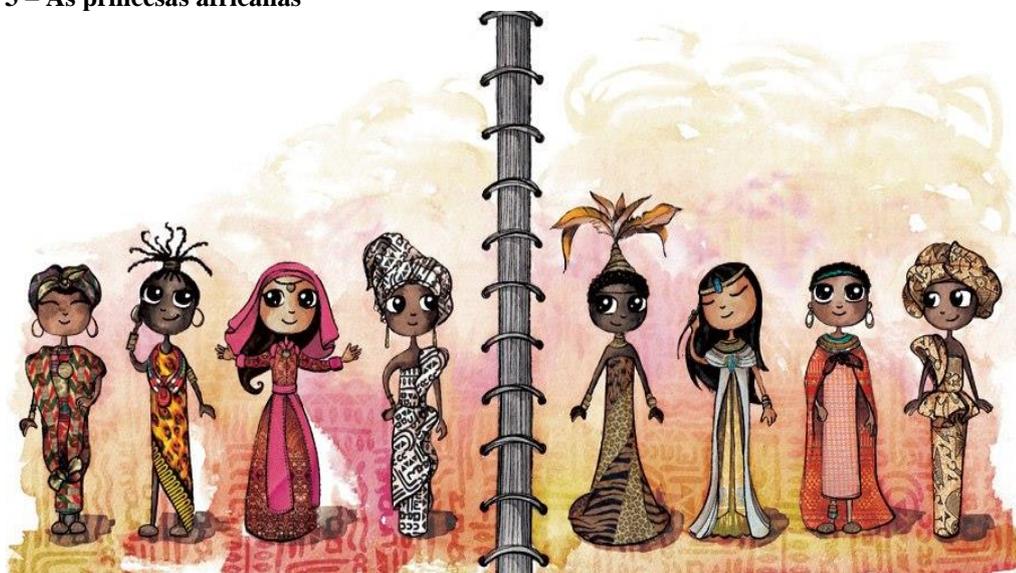
A menina tenta achar uma explicação conversando com sua avó e sua mãe, mas as respostas são complicadas e não a convencem. Após uma dessas conversas, Dandara dirigiu-se ao seu quarto e, como sempre acontecia quando algo a incomodava buscou refúgio no amigo Dragão, seu bichinho de pelúcia. Rabiscava no caderno, quando alguém bateu na janela do seu quarto. Ela se perguntou: quem será?

Era uma menina diferente. Tinha cabelo curtinho, roupa com estampa colorida e lindas joias!
Sua pele era marrom, um marrom escuro da cor do café, e seus olhos brilhantes como pérolas negras do colar de brisa. (SUERTEGARAY, 2012, p. 8).

O nome da menina era Makena, estava em busca de uma princesa perdida, e Dandara interessou-se por sua procura. A princesa era do reino Daomé e já estava perdida há algum tempo: “A única pista que tenho é a de que ela atravessou um grande oceano na direção em que o sol se põe” (SUERTEGARAY, 2012, p. 10),

Dandara pergunta se Makena também é uma princesa e ela afirma dizendo que é uma princesa do reino do Vale da Grande Fenda, localizado no Quênia, África. Makena discorre sobre a paisagem do seu país, com vulcões altos que ficam com a pontinha coberta de neve. A menina fica surpresa por saber da existência de neve na África, quer saber se realmente existem princesas negras, afirmando não conhecer histórias com as mesmas! Makena conta a Dandara que existem princesas negras em cada canto da África como também, muitas histórias de princesas que já existiram ou nasceram da imaginação do narrador (Imagem 3).

Imagem 3 – As princesas africanas



Fonte: *Dandara e a princesa perdida*, de Maíra Suertegaray (2012).

As princesas desse continente têm costumes, roupas e penteados diferentes e sua cor de pele também. Suas histórias são parecidas com os contos de fadas de Dandara.

Dandara questiona-lhe o porquê do desconhecimento das histórias do continente africano. A princesa explica que essas histórias são contadas oralmente para as crianças pelos seus pais que ouviram dos seus avós, estes que ouviram dos seus bisavôs e que, por isso, não são conhecidas pelas crianças de outros lugares.

Dandara conta que quer conhecer um pouco da história da princesa perdida. Makena diz que, há muito tempo atrás, a princesa morava no reino de Daomé, lugar protegido por um exército de guerreiros e mulheres Amazonas. A filha do soberano desse reinado, uma bela e vaidosa princesa de pele escura, grandes olhos castanhos, cabelos cacheados, sempre penteados e com um enfeite diferente a cada dia, preocupava-se com o bem estar de todas as pessoas do reino, sendo, assim, muito querida por elas. Certo dia, a princesa passeava próximo ao lago Popo, em seu reino, e percebeu alguns movimentos estranhos entre os arbustos. Aproximando-se para saber do que se tratava, encontra um menino assustado e, sem ter tempo de compreender o que estava ocorrendo com ele, foram ambos capturados por um grupo de homens vestidos de caçadores. A partir desse dia, a princesa não retornou mais à sua casa. O rei reuniu todos os seus guerreiros e Amazonas na busca pela sua querida filha, mas eles, apesar de todos os esforços, não lograram êxito.

Junto a essa busca, veio uma enorme tristeza que se abateu por todo o reino pelo desaparecimento da princesa: “O Sol enfraqueceu, as plantas murcharam e os animais se esconderam. Todos estavam tão tristes que suas lágrimas inundaram o lugar” (SUERTEGARAY, 2012, p. 18).

O rei, vendo toda a tristeza e lembrando-se da preocupação que sua filha tinha com seu povo, pediu ao Sol que levasse todas as lágrimas e tristezas para bem longe. O Sol pegou as lágrimas e transformou-as em nuvens grandes e escuras como a princesa. Essas nuvens se espalharam pelo reino recolhendo todas as lágrimas até despencarem, lavando o reino e levando embora toda a tristeza. O Sol voltou a brilhar e a dar energia às pessoas, plantas e aos animais. Soube-se que a princesa foi levada para o outro lado do oceano, para ser vendida como escrava junto com outros africanos. A partir daquele dia, sempre que ocorre uma grande tempestade, acredita-se que são as nuvens chorando pela perda da princesa perdida de Daomé.

Não se sabe ao certo o nome dessa princesa, apenas que durante sua viagem ela pediu ao Sol que a tirasse daquela situação, transformando-a em um lindo e enorme dragão. E disse o Sol: “Assim, voarás livre para onde quiseres e poderás escolher teu próprio futuro. Quando sentires que estás em paz voltarás a ser humana” (SUERTEGARAY, 2012, p. 23).

Dandara fechou os olhos e pensou que qualquer menina negra poderia ser a princesa perdida e acabou entendendo, abraçada ao seu dragão de pelúcia, que ele poderia ser a princesa desaparecida, afinal por que outra razão Makena bateria na sua janela? Dandara acabou descobrindo uma linda e corajosa princesa que até pouco tempo ela não sabia que existia!

Ao procurar por Makena, não mais a encontrou. Será que tudo não havia passado de um sonho? Mesmo que tenha sido apenas um sonho, Dandara agora sabia que existiam histórias de lindas princesas para serem contadas para cada criança, e que cada menina negra pode ser uma princesa com histórias incríveis: “Só é preciso encontrá-las” (SUERTEGARAY, 2012, p. 27).

O terceiro e último livro escolhido, trata-se de *Princesas Negras e a sabedoria ancestral*, de Ariane Celestino Meireles e Edileuza Penha de Souza (2010). Para que as pessoas possam reconhecer uma princesa negra é preciso que sejam diferentes, porque as princesas negras precisam ser sentidas antes de serem vistas: “Um olhar que identifica uma princesa negra é um olhar que se permite conduzir pelo coração, pela sensibilidade, pelos sentimentos mais nobres, que têm a ver com a solidariedade, a simplicidade e, acima de tudo, a sabedoria... Sabedoria!” (MEIRELES; SOUZA, 2010).

É pela sabedoria, segundo Meireles e Souza (2010), que chegamos até a beleza das princesas negras, começando pela cor da sua pele, pele escura, rica em melanina, pigmento responsável pela cor da pele, olhos e cabelo. Essa pele cheia de histórias que carrega em si parte do continente africano, uma pele cheia de ancestralidade, de resistência (ao Sol, ao tempo etc.) (Imagem 4).

Imagem 4 - Retrato da beleza Negra



Fonte: *Princesas Negras e a sabedoria ancestral*, de Ariane Celestino Meireles e Edileuza Penha de Souza (2010).

Os seus cabelos desafiam a lei da gravidade: “crescem para cima!”. Talvez por isso não precisem usar coroa, mostrando que os seus cabelos crespos são, naturalmente, o ornamento mais lindo para uma cabeça real. Tem princesas que preferem deixar seus cabelos para cima, utilizando o estilo “*Black Power*”, outras usam tranças ou “*dreadlock*”, tem as que usam turbantes feitos com lenços de tecido liso ou multicoloridos, enfim, as princesas negras usam vários modelos de penteados, com enfeites, cortes e pinturas, entre outros adereços para complementar sua beleza. Como enfatizam as autoras:

Uma outra coisa que só as princesas negras têm, além da pele escura e dos cabelos crespos, cheios de “rulitos”: um monte de outras princesas que chegaram no mundo antes delas, viveram muitas coisas e fizeram muita história para elas serem quem são. Essas, que vieram antes, são as ancestrais... (MEIRELES; SOUZA, 2010).

As ancestrais são aquelas que viveram, morreram e deixaram uma bagagem cultural e espiritual, que as princesas recebem ao nascer, uma herança que precisa ser preservada. As princesas negras mais belas são aquelas que conhecem sua história e têm orgulho de quem são: “As princesas negras são inteligentes, lutadoras, espertas e aprendem muito com suas mães e avós. Elas aprendem com pessoas mais velhas” (MEIRELES; SOUZA, 2010).

As princesas negras aprendem com suas ancestrais, são mulheres fortes, inteligentes e têm orgulho da cultura africana a que pertencem. Não são os elementos das outras princesas que as identificam, o que as distinguem são sua pele rica em melanina, seu cabelo crespo, sua sabedoria, sua ancestralidade:

Existem muitas delas. Estão espalhadas por toda parte do Brasil e do mundo.
Mas, só as veem as pessoas diferentes!
Porque as princesas negras, para serem vistas, têm que ser sentidas...
Assim como sentimos você! (MEIRELES; SOUZA, 2010).

Essas narrativas fazem-nos pensar numa frase de Coelho (2000, p. 18): “[...] a literatura infantil é aberta para a formação de uma nova mentalidade”. Desse modo, elas são essenciais para trabalhar a ideia de uma sociedade justa e sem discriminação.

Para entendermos melhor o conteúdo dessas histórias e o quanto podem ajudar na formação de uma educação literária antirracista, trazemos as características elencadas por Coelho (2000) e suas relações com as histórias acima relatadas: (1) espírito solidário; (2) questionamento da autoridade; (3) sistema social; (4) moral da responsabilidade ética; (5) sociedade sexófila; (6) redescoberta e reinvenção do passado; (7) concepção de vida fundada na visão cósmica/existencial/mutante da condição humana; (8) valorização da intuição; (9)

antirracismo; (10) a criança. E dentro dessas três narrativas podemos encontrar um pouco desses 10 tópicos, auxiliando-nos, assim, a classificar essas histórias como contos modernos.

O primeiro tópico, “O espírito solidário”, está nitidamente presente na história *Dandara a princesa perdida*, (SUERTEGARAY, 2012) onde a protagonista (Dandara) mostra solidariedade com meninas negras ao demonstrar que não aceita a ausência de princesas negras nos contos de fadas, sequer concordando com as explicações dadas por sua avó e por sua mãe.

No segundo tópico, “Questionamento da autoridade”, está presente tanto no livro *O casamento da princesa* (SISTO, 2009), onde mesmo com a decisão da autoridade da aldeia, (O rei) seu pai, a princesa Abena já se decidiu por um vencedor e tenta buscar em seu coração uma resposta para sua aflição, como também na narrativa *Dandara a princesa perdida* (SUERTEGARAY, 2012), quando Dandara não aceita as respostas dadas por sua mãe e sua avó quando questionadas sobre a existência de princesas negras indo, então, buscar sua própria resposta. Segundo Coelho (2000, p. 24), “Exigência de liberdade pessoal, para o conhecimento [...]”, que mesmo antes de se falar em direitos individuais, o homem já buscava defender suas opiniões, vê-las respeitadas e ter liberdade pessoal para evoluir. Desse modo, esse tópico é fundamental, pois nos faz refletir no quanto a autoridade pode influenciar nas relações sociais.

O “Sistema Social”, terceiro tópico discutido por Coelho (2000), está presente nas histórias *O casamento da princesa* (SISTO, 2009), e a *Princesas Negras e a sabedoria ancestral* (MEIRELES; SOUZA, 2010), em que as princesas, mesmo portando um cargo alto dentro da hierarquia da aldeia, preocupam-se com seu povo, participam dos seus acontecimentos, rompendo, assim, com as barreiras que normalmente separam as classes dominantes daquelas menos favorecidas. O “Sistema Social”, associado ao quarto tópico “Moral da responsabilidade” (COELHO, 2000), encontra-se no livro *Princesas Negras e a sabedoria ancestral* (MEIRELES; SOUZA, 2010), no qual mesmo Abena não concordando com a corrida, respeita a decisão de seu pai (O rei), e também no livro *Dandara, a princesa perdida* (SUERTEGARAY, 2012), visto que Dandara embora não satisfeita com as respostas dadas por sua mãe e sua avó, sai em silêncio por respeitá-las.

O quinto tópico, “Sociedade sexófila” (COELHO, 2000), encontramos no livro da princesa Abena, “olhar molhado, corpo luzidio, as palavras que rolavam feito água cantante ficaram mais bonita” (SISTO, p16. 2009), o encontro entre duas pessoas.

O sexto tópico, “Redescoberta do passado” (COELHO, 2000), está presente em ambos os livros onde trazem um pouco da ancestralidade presente na cultura negra.

O sétimo tópico, “Concepção de vida” (COELHO, 2000), acreditamos estar presente no livro da Dandara, pois o futuro da princesa perdida é decidido pelo Sol, que a transforma em um Dragão, podendo, assim, voar em busca de liberdade e paz.

O oitavo tópico, “Valorização da intuição” (COELHO, 2000), tem seu destaque na narrativa de Celso Sisto (2009), onde mesmo pensando no que poderia ocorrer de ruim com a princesa perdida, seu povo não desistiu dela, acreditando que ela pudesse estar em algum lugar após o oceano. Está presente também no livro da Abena, que tinha certeza de quem iria ganhar a corrida, quebrando um pouco as regras da aldeia, por já ter a certeza do vencedor.

O “Antirracismo” é o nono tópico de Coelho (2000) e um dos mais importantes, pois este é o conceito que os contos analisados tentam trabalhar, desconstruindo, desse modo, nossa sociedade racista, desde a tenra idade, valorizando as diferentes culturas nos livros *Princesas Negras e a sabedoria ancestral* (MEIRELES; SOUZA, 2010), *O casamento da princesa* (SISTO, 2009), e *a Dandara a princesa perdida* (SUERTEGARAY, 2012) e em cada elemento que retrata a cultura africana e afro-brasileira para nossas crianças, apresentando as princesas negras e suas representações africanas e afro-brasileiras.

“A criança”, último tópico elencado por Coelho (2000), certamente está presente não apenas em uma ou outra personagem, mas sim em todo o contexto das três princesas, cujo valor cultural e histórico leva a criança a formar um espírito crítico a respeito das relações interculturais e interétnicas, ou seja, respeitar o outro.

Os tópicos abordados da concepção do “Novo” (COELHO, 2000) são de fundamental importância para podermos atingir um indivíduo que se desassocie dos conceitos adquiridos de uma sociedade tradicional e das histórias com preconceito, discriminação, racismo e desvalorização. As histórias novas tentam passar conhecimentos para uma sociedade de igualdade e respeito às diferenças para as crianças e adultos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi elaborado a partir do desejo de conhecer narrativas que trouxessem outras princesas para além das retratadas nos contos de fadas tradicionais.

A pesquisa iniciou-se com um mapeamento dos principais contos contemporâneos, presentes no acervo Literalise, PNBE e *Revista Eletrônica de Educação* (2009), usando como principal critério aqueles que trouxessem protagonistas de origem africana ou afro-brasileira, com foco as princesas negras. O levantamento foi estruturado com o intuito de compreender a importância dessas histórias para a construção de uma educação antirracista.

A leitura sobre os livros selecionados auxiliou a entender e conhecer um pouco melhor o mundo que não está presente em algumas realidades educacionais.

Partiu-se da compreensão dos contos de fadas tradicionais e em qual período eles fazem parte, para que, assim, pudéssemos entender a trajetória percorrida até a construção dos contos de fadas modernos, que retratam problemas sociais, como o racismo e preconceitos bem presentes na nossa sociedade contemporânea, que precisam ser trabalhados dentro das nossas escolas.

Conhecer um pouco sobre os contos de fadas modernos foi fundamental para entender sua importância na formação do leitor e, conseqüentemente, contribuir para uma sociedade antirracista, pois acreditamos que com eles podemos desconstruir problemas já enraizados dentro do nosso cotidiano, entendendo assim que a literatura infantil ajuda na construção de uma sociedade que respeite as diferenças.

Em seguida, discutimos sobre a Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e sua importância na movimentação desses títulos no mercado editorial. Trata-se de uma lei que está em vigor há 13 anos, porém poucos a conhecem por completo. Durante minha graduação pouco se ouviu sobre ela, e com esta pesquisa percebi que é relevante para a constituição de uma sociedade que pense no bem estar do próximo e, assim, acabar com a discriminação e desvalorização que muitas crianças negras sofrem nas escolas.

É preciso que se trabalhe como parte do currículo a cultura e história africana, não por obrigatoriedade, mas como dever, pois eles trazem elementos ricos e lindos de uma cultura que desconhecemos, pois existem diversos livros com histórias cativantes que podem fazer parte do cotidiano escolar, e não apenas no dia da consciência negra, 20 de novembro.

Portanto, o mapeamento dos livros foi imprescindível para minha vida pessoal e acadêmica, para que pudesse sair um pouco do meu mundo e me questionasse, por exemplo:

por que muitas dessas histórias não são trabalhadas na escola? Será que falta preparo dos professores?

Pensando nisso, no segundo semestre de 2015 realizei meu estágio em uma instituição pública do município de Florianópolis onde tivemos a oportunidade de trabalhar com três dos contos presentes do acervo, onde inúmeras crianças ficaram maravilhadas com as narrativas, duas crianças negras se questionaram, “eu sou uma princesa ou príncipe?” e de grande importância se identificarem nas histórias. Sendo assim, é preciso refletir sobre a importância de trazer a literatura infantil para uma criança, pensar sobre sua importância.

Refletindo sobre a importância da literatura infantil e juvenil, as publicações literárias para este público, após 2003, que trazem como personagens principais negros foram aumentando gradativamente, e, com isso, contribuindo de forma marcante para a formação da criança. Desse modo, é preciso que os adultos os conheçam e aprendam a real importância de uma história que retrata uma cultura que constitui o país.

Posto isso, este trabalho me fez entender que pouco se fala sobre a Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003), tanto dentro das escolas como fora dela, e que não se conhece as histórias que retratam princesas, príncipes, rainhas, reis africanos e afro-brasileiros, e nos levam ainda a pensar que a trajetória histórica dos negros foi apenas como escravos. Sendo assim, acredito ser de grande importância que se aumentem os estudos sobre as histórias, principalmente das princesas, para que possamos mostrar que elas são muito importantes na nossa vida, e que devemos respeitar as diferenças.

Para finalizar, seria interessante saber quais dessas histórias estão dentro das escolas e como são trabalhados pelos professores, mas, infelizmente, devido à extensão desta pesquisa, não foi possível discutir neste trabalho, deixando este questionamento para futuros estudos, já que essas histórias são riquíssimas para se construir uma sociedade sem preconceitos, e para se pensar no bem do próximo.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 2003.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP nº 003, de 10 de março de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 jun. 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 15, de 1 de setembro de 2010. Orientações para que a Secretaria de Educação do Distrito Federal se abstenha de utilizar material que não se coadune com as políticas públicas para uma educação antirracista. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1 set. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 6, de 1 de junho de 2011. Reexame do Parecer CNE/CEB nº 15/2010, com orientações para que material utilizado na Educação Básica se coadune com as políticas públicas para uma educação antirracista. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 29 ago. 2011.

CARREIRA, Denise. **Lendas Africanas: a força dos tambores cruzou o mar**. Ilustração de Rubem Filho. São Paulo: Salesiana, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987. (Princípios).

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos – mitos – arquétipos**. São Paulo: Paulinas, 2008.

COELHO, Ronaldo Simões; AGOSTINHO, Cristina. **Rapunzel e o Quibungo**. Ilustração de Walter Lara. Belo Horizonte: Mazza, 2012.

COELHO, Ronaldo Simões; AGOSTINHO, Cristina. **João e Maria**. Ilustração de Walter Lara. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

COELHO, Ronaldo Simões; AGOSTINHO, Cristina. **Afra e os três lobos-guarás**. Ilustração de Walter Lara. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

COSTA, Patrícia de Fátima Abreu Costa. **Os Contos de Fadas: de narrativas Populares a Instrumentos de intervenção**. 2006. 73 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, MG, 2006.

DEBUS, Eliane. **Festaria de brincança: a leitura na Educação Infantil**. São Paulo: Paulus, 2006. (Coleção Pedagógica e Educação).

DEBUS, Eliane Santana Dias. As Demandas da Lei 10.639/2003 e o mercado editorial brasileiro para a infância. In: AZEVEDO, Fernando et al. **Globalização na Literatura Infantil: vozes, rostos e imagens**. Raleigh: Lulu Entreprises, 2011. p. 407-418. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18303/1/Global_Lit_Inf_Text.pdf>. Acesso em: 29 maio 2016.

DEBUS, Eliane Santana Dias; Domingues, Chirley. Chapeuzinho vermelho e as sete versões: uma manifestação do insólito ficional. In: DEBUS, Eliane Santana Dias; MICHELLI, Regina (Org.). **Entre fadas e bruxas: o mundo feérico dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015. p. 59-73.

DEBUS, Eliane Santana Dias; VASQUES, Margarida Cristina. A linguagem literária e a pluralidade cultural: contribuições para uma reflexão étnico-racial na escolas. **Conjectura: filosofia e educação**, Caxias do Sul, RS, v. 14, n. 2, p. 133-144, maio/ ago. 2009. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewArticle/19>>. Acesso em: 29 maio 2016.

FILHO, Rubem. **Pretinha de neve e os setes gigantes**. São Paulo: Paulinas, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. In: CONGRESSOS IBERO-LUSO-BRASILEIROS DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 2010. Cáceres. **Anais...** Cáceres, PT: ANPAE, 2010. Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/iberolusobrasileiro2010/cdrom/94.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2016.

KIRCHOF, Edgar Roberto; BONIN, Iara Tatiana; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A diferença étnico-racial em livros brasileiros para crianças: análise de três tendências contemporâneas. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, SP, v. 9, n. 2, p. 389-412, 2015. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/1111/416>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

LIMA Renato. **Chico Rei**. Ilustração de Graça Lima. São Paulo: Paulus, 2006.

LOPES, Jader Janer Moreira; OLIVEIRA Julvan Moreira de. Infância e relações étnico-raciais. Percursos pelos trabalhos da ANPEd – GT 21 e 07. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, SP, v. 9, n. 2, p. 227-248, 2015. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/1146/428>>. Acesso em: 10 jun. 2016

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MARINHO, Josias. **O príncipe da beira**. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

MARTINS, Georgina da Costa. **Um menino que não se chamava João e uma menina que não se chamava Maria**: um conto de fadas brasileiro. Ilustração de Victor Tavaré. São Paulo: DCL, 1999.

MAZZARI, Marcos Apresentação. In: GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Contos maravilhosos infantis e domésticos: 1812-1815**: Jacob Grimm,. Tradução de Christine Röhrig. Ilustrações de J. Borges. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

MEIRELES, Ariane Clestino; SOUZA, Edileuza Penha de. **Princesas negras e sabedoria ancestral**. Ilustração de Valdério Costa. Belo Horizonte: Nadyala, 2010. Não Paginado.

OLIVEIRA, Klusam de. **Omo-oba: histórias de princesas**. Ilustração de Josias Marinho. Belo Horizonte: Mazza, 2009.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Negros personagens nas narrativas infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989**. 2003. 183f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2003.

ORTHOFF, Sylvia. **A fada lá de passárgada**. Ilustração de Tato. Belo Horizonte: Miguilim, 1990.

ORTHOFF, Sylvia. **O rei preto de Ouro Preto**. Ilustração de Tato. São Paulo: Moderna, 1997.

RAMOS, Anna Claudia. **Aconteceu na escola: um dia de princesa**. Ilustração de Luis Sagar e Rose Araújo. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

ROCHA, Ruth. **O amigo do Rei**. Ilustração de Eva Furnari. São Paulo: Ática, 2006.

REVISTA ELETRÔNICA DE EDUCAÇÃO, São Carlos, SP, v. 9, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/issue/view/19/showToc>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Eстера Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SISTO, Celso. **O casamento da princesa**. Ilustração de Simone Matias. São Paulo: Prumo, 2010.

SOUZA, Bruna Cardoso Brazil. **Charles Perrault e os Contos da Mamãe Gansa**. 2014. 41p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Letras) – Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Araraquara, SP, 2014. Disponível em: <<http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/124153/000829867.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

SUERTEGARAY, Maira. **Dandara e a Princesa Perdida**. Ilustração de Carla Pilla: Porto Alegre: Compasso, 2012.

TATAR, Maria. **Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

VALE, Luiza Vilma Pires. Narrativas Infantis. In: SARAIVA, Juracy (Org.). **Alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

VASQUES, Marciano. **Rufina**. Ilustração de Osório Garcia. Juiz de Fora: Franco, 2004.